



rumores e ruídos

LIÇÕES DE POESIA

Não é incomum perceber algo como poético. Uma canção, uma carta, um bilheteinho, um quadro, um presente ou mesmo uma pessoa podem nos parecer poesia. É até muito corriqueiro admitir que a vida sem ela é triste e cinza. Para o senso comum não é difícil definir poesia, não há pudor em apontá-la ali, ao sol de meio-dia, “na flor que furou o asfalto”, como o fez Drummond. Ou, como Chico Buarque, vê-la entornada no chão.

De que poesia estamos falando nesses casos? Que potência, metaforizada em flor, é capaz de furar o asfalto, atrapalhar o trânsito e o ritmo nervoso da cidade, sustar a náusea do mundo? Quem é a pessoa que a deixa transbordar e espalha seus rastros pelo chão? Afinal o que é a poesia? Por onde ela anda, onde se esconde, onde explode?

Não falta de alternativas, quando somos interpelados por alguém, expressamo-la com adjetivos: É uma coisa bela! Ora, mas Kant já nos ensinou que “a beleza artística não é necessariamente uma coisa bela, mas a bela representação de uma coisa”. Nesse plano de representação, é belo o feio. São belos os esquilidos retirantes de Portinari, a bomba, rosa de Hiroshima de Vinícius de Moraes. É bela a dor da separação e desconcertante rever um grande amor nos anos dourados de Chico Buarque. É bela a partida do pai que um dia entrou numa canoa e, sem ter ido, nunca mais voltou, rio-abaixo, rio-acima, sempre fazendo ausência, numa margem terceira do rio de Guimarães Rosa.

Outras vezes dizemos ser poesia o que nos toca e emociona. Definimo-la, então, por uma forma de apreensão da realidade. Por esse prisma, a conceituação mais adequada e mais ampla parece-me a de Carlos Bolsoño: “Poesia é antes de tudo comunicação, feita por palavras apenas, de um conteúdo psíquico sensório-afetivo-conceitual, conhecido pelo espírito como formando um todo, uma síntese”.

Tais considerações apontam, pelo menos, três planos a partir dos quais



podemos tentar entendê-la: o sensório, o afetivo e o cognitivo-conceitual. O fato é que eles deveriam andar casados e sem hierarquizações, seja para o leigo, seja para o teórico da literatura. E aqui me vem à lembrança a cena pungente do filme “O Carteiro e o Poeta”, em que, na convivência entre um homem do povo e o poeta letrado, se estabelece a fina sintonia que permite ao primeiro ser capaz de entender conceitualmente uma metáfora quando reconhece na chuva o choro do céu. E ao segundo que nem toda erudição e domínio de técnicas é capaz, por si só, de fazê-la eclodir.

Também não devemos deduzir que aos leigos caibam as percepções sensórias e afetivas e aos especialistas, o conceito, a teoria. Bolsoño aponta, sobretudo, para a fruição e o gozo que se estabelecem entre o espírito e aquilo que se apresenta em palavras e nos toma de assalto com um única flecha. Esta definição excluiria da dimensão poética os objetos não constituídos por palavras. Só seria poesia o que se expressasse no código verbal. Para a academia e a escola, isso procede. Mas insistimos também em vê-la nos fatos, nos sentimentos, nas sensações.

Poderíamos propor duas chaves de leitura para tal questão e delas retirar algumas lições. Partamos de dois Andrades: Oswald e Carlos Drummond. Para o primeiro, como declara, no Manifesto Pau-Brasil, a poesia estaria sim nos fatos, ou seja, emanaria deles, belos ou feios. Nesse caso, qualquer um poderia percebê-la e traduzi-la ainda que só com adjetivos. Já para o segundo, no antológico poema “Procura da poesia”, esta não estaria nos acontecimentos, no que se pensa ou sente, na cidade, na natureza, nem mesmo na memória da infância. O poeta é categórico na advertência: “Não tires poesia das coisas”. Nesse outro caso, a poesia estaria no reino das palavras, onde os poemas repousariam paralisados e inertes, ermos de melodia e conceito à espera do poeta que, com a chave correta, uma espécie de varinha de condão teria o poder de dar movimento às palavras e fazê-las despertar das prateleiras empoeiradas dos dicionários para que possam revelar suas “mil faces secretas sob a face neutra”. Portanto seria na criação de sentidos insuspeitos, multiplicadores da



rumores e ruídos

realidade que estaria a poesia.

A poesia não é necessariamente o poema, ela o ultrapassa. A poesia não está obrigatoriamente encarcerada nos versos, até porque nem todo versejador é poeta. Ainda que, para uma professora de literatura, como eu, a relação entre palavra e poesia seja muito cara e objeto de estudo, devo confessar que, para fazer com meus alunos a identifiquem nesta relação, precise, com frequência, soltar as amarras da letra, deixar o espírito falar e apontá-la em outras esferas que não apenas o código verbal. Para só depois, talvez, tentar fazer com que a entendem na relação referida e reconheçam comigo que é na potência explosiva da palavra - capaz de se metamorfosear em muitos outros sentidos – que a poesia se revela mais intensamente.

Confesso que essa talvez seja a nossa maior façanha em tempos tão pouco afeitos às letras: mostrar que, na palavra, há imagens e sons que não dependem de instrumentos para serem criados. Confesso também o desejo incontido de nada ter que explicar e apenas dizer: “Isso é poesia!”